depois, de raspão, em Horrem. Aparecia-lhe agora, de frente, no Monte Estoril. Viera sozinha passar férias no Estoril, «onde o nosso último rei búlgaro e família viveram exilados». Mostrou-se faladora, nada arredia, como no Lubango, mas acessível, muito acessível. Convidou Paulo para jantarem e recordarem «as aventuras africanas», como disse. Jantaram no restaurante do hotel, perante um intrigado Zé Ataíde. Depois da mesa, a cama. Anna Smerdjieva insistiu com um Paulo lento, sentindo-se estranho a si próprio, para que a acompanhasse ao seu quarto. Acabaram em sexo rápido. Paulo, lentíssimo, foi, já dormitando, para o seu quarto. No dia seguinte, a misteriosa búlgara foi-se embora manhã cedo, sem se despedir, nem deixar mensagem.

* * * * * * *

Ranço fresco

A contrastar com a qualidade dos novos amigos conquistados no seu famoso Congresso Internacional, Paulo sentia a grande mediocridade dominante no Departamento de Cultura Portuguesa. Mesmo «sem pachorra para aquilo», ia sabendo mais sobre o local de trabalho. O departamento era «um inferninho onde se coziam conspirações, compadrios, intrigas», segundo Constança. Ficou a saber que estrugiam conspirações e boatos contra si. Por ter sido comando, era novamente o alvo preferido da pior camada das esquerdas académicas. Por sua vez, as equivalentes direitas militares consideravam-no suspeito por ser «um gajo da universidade» e, ainda, por ter sido cooperante no país conduzido «pelos cabrões do MPLA». Um pestífero para os pequenotes das duas áreas. Mas, agora, um homem interessante e de valor para grandes das Letras e das Armas. Renovava-se, em parte, o seu velho destino. Num telefonema para Heidelberg, resumiu a Iza a situação, dizendo:

– Olha, muito ranço fresco. De novo. Mas também grandes amigos que dão mais inveja ao ranço e mais inimigos a mim.

No departamento, a díade inimiga, que, logo nas apresentações, Paulo acertadamente previra que o viria a ser, tinha-lhe «um pó doido», como disse Maria. Facto é que, além da antipatia imediata e visceral, Paulo tinha rejeitado a Tubarão como «namorada vaginal». Falhado o assédio sexual pela «mulher de camas estratégicas», como se murmurava, as duas malmequeres trabalharam no assédio moral e laboral. Sempre furtiva e espertamente, por portas travessas e carambola, sopravam as suas doses de veneno táctico. Houve um único episódio frontal. Deu-se com a Cetáceo, no gabinete de Paulo. O episódio foi de tal forma interessante que Paulo não pôde deixar de o reviver pela escrita, no próprio dia, no **Diário:**

Depois de uma curta discussão sobre horários, cresceu-lhe na mona a ideia de me bater. Como os touros antes de marrar, a Cetáceo começou a bufar – só lhe faltou arranhar o chão com os chispes – e o medonho corpo de um hércules com mamas cresceu para mim. Não me mexi nem para trás nem para a frente. Nem sequer bati com os pés no chão para a assustar. Olhei-a nos olhos e sorri, com o meu sorriso de gozão, como dizem que, às vezes, tenho. Ela virou costas – uma área nadegal monstruosa que fazia mal aos olhos – e desapareceu. Ainda a bufar. Como é que posso lidar com as duas tristes trastes?! Parecem pica-paus. Pim... pim... pim sempre a picarem na minha figura. Portar-me como um homem do tipo amiguinha das mulheres, como o Miguel, o ambíguo de olhar esquinado, ou tentar ser desse tipo, como o labrego Casimiro?! Tornar-me um banana man?! Uma homenzinha?! Emascular-me para ser aceite por mulheres ~~pequenas~~ sem qualidade?! Impossível. E não as vou pendurar pelas orelhas a cada intriga ou calúnia. Resta-me não querer saber.

Não sendo o departamento um mundo para homens, Paulo não era miscível nele. Seguiu, então, o conselho de Napoleão para quem «A guerra contra as mulheres, só se vence fugindo». Assim, evadia-se daquele ambiente execrável, particularmente para quem não queria nem podia deixar de ser masculino. Não um marialva, embora se risse com o *Fado do 31*, ou um machista, mas simplesmente masculino. Aliás, parecia-lhe – também a Iza e a Luís – que, mesmo com o propanolol, a neurose de guerra não só não tinha desaparecido como se agravava muitos anos depois dos anos de mato e matar. Os três tinham bem presente os últimos episódios. Um em que, reagindo como um animal, tinha feito recuar funcionários no aeroporto Sá-Carneiro «e fiz figura de urso porque não tinha razão». Outro episódio deu-se num centro comercial do Porto quando correu a murro e a pontapé um atrevido galanteador de sua mulher. O homem ficou muito machucado. Com Paulo, nunca havia violência barata. Iza ficou espantada com a ferocidade do marido. Espantada, mas feliz. «Senti-me protegida por ti, pelo meu homem. Como, em miúda, pelo meu querido Pai.»

Por estas e outras cenas de explosão violenta, tinha de ter muito cuidado. No departamento, não podia de modo nenhum libertar o seu colérico gémeo interior. A mais segura maneira de ter cuidado era ignorar. Não podia, nem queria, bater em mulheres. Tinha-o feito uma vez, como oficial de dia no CIC, no dantesco colapso do poder português em Angola, porque teve de ser. «Tinha de defender o meu soldado preto da desesperada mulher branca. Mas não gostei. Nada mesmo.» Às «duas peganhentas», que, sem deixar de as desprezar, «também sentia compaixão pelas suas vidinhas de vinagre e ansiolíticos», Paulo contrapunha «o melhor das mulheres, que, em glória, brilhava com a maternal Constança e a generosa Maria. Também gostava da bondosa directora». As restantes docentes, indiferenciadas, não lhes dedicava atenção, apenas alguma desconfiança. Tinha a impressão de serem manipuladas pelas malmequeres.

* * * * * * *

Por curiosidade e convites que não podia recusar, Paulo foi conhecendo «o *milieu*», como diziam os mais antiquados. Frequentou tertúlias e chegou mesmo a fazer parte de um júri literário. Desconfiava de boa parte dos prémios e júris. *Combinazione*, jurados avençados de editoras, jurados «do tipo dos intelectuais de manada, tipos com medo de ficarem sós, como dizia Hemingway dos escritores de Nova Iorque». Sabia ainda de prémios que «diziam mais sobre os júris do que sobre os premiados», como ouvira de Barrento e Feldmann. O melhor exemplo era o segundo lugar dado à *Mensagem*, «a um Pessoa apoucado pelo padre de *Romaria*, que haveria de escrever o ingénuo, frágil, romance *A 100.ª Companhia de Comandos*». Mesmo assim quis experimentar a pele de jurado. Confirmou a suspeita quanto à probidade de três dos cinco elementos do júri.

Nas andanças pelo meio cultural lisboeta, Paulo achou interesse à primeira meia dúzia de investidas. Confirmou o que sabia de outiva. Muitos viviam da «babugem dos subsídios e das cunhas» e havia não poucos «viciados na intriguice, velhacaria e boicotes, círculos de silêncio». Cansou-se de *sorbonnagres*, que irresistivelmente o faziam recordar Pontes, «o Inclinado», o homem que sabia tudo e não percebia nada. Fartou-se de «*iys, intellectuals yet stupid*», expressão que ouvira de Constança. Mas achou graça ao *man* da boininha Che, aos davides de cachimbo e à beata cultural ou ao vidrinho derreado de pessimismo e «sem sentido». Considerou os cosmopolitas do Príncipe Real uns pintalegretes a precisarem de um verdadeiro grande banho de mundo, começando pelo Portugal interior.

No lançamento de livros, notou que, além de Pessoa, o outro nome consensual era o do «Avô Cantigas», como lhe chamava Luís. Paulo gostava de um ou dois dos seus livros, aliás, textos dispersos recolhidos em livro, «apesar do estilo um tanto de matacão erudito, que o

velho Saraiva já engolia mal». Mas detestava o homem. Sobre o Avô Cantigas, num almoço a dois, na Versalhes, disse de rajada a Mateus:

– O Cantigas tem uma reputação inflacionada e, pior, aparece agora em todo o lado. Mas quando os homens se batiam na guerra, em África, ou contra ela e iam parar à pildra, o Cantigas pisgou-se para o estrangeiro. Nos anos da brasa, optou pela sua vidinha. Enquanto os outros lutavam, o heterodoxo tratava da sua vidinha. Até aqui, bom, não é o único. É um merdas, mas não é o único. Mas andar agora por aí, todo ortodoxo de um Regime que não lhe exige sacrifícios, é de vomitar. E muito do que publica é fraca chuva no molhado. O que escreveu sobre os nossos retornados é repugnante. Mesmo assim tudo faz para ser consensual. Os comunistas e tal, mas a ideia é boa. O Salazar e tal, mas também havia alegria na «longa noite fascista». E o tipo tem qualquer coisa de salazarengo e não é só o nariz.

Surpreendido com a torrencial e acutilante fala do amigo, Mateus ficou pensativo e acabou por concordar:

– Tens razão, o Cantigas não é como nós. Como nós, na mata. Ou mesmo como os nossos inimigos comunistas, na prisão ou na clandestinidade. Nós e eles, os únicos que merecem respeito. E, sim, cheira a salazarengo. Antes cheirasse a salazarista, ao menos não seria hipócrita.

– O contraponto do Cantigas, pela direita, é o Pires Rocha. Como homem, um pequenote, mas sabe mais, os seus livros são bons, trabalhadíssimos, e, vá lá, pelo menos, calou-se.

– Já agora, o que pensas do censor comunista?

– Não lhe consegui entrar no *Convento.* Arrombei as primeiras três páginas não mais... Talvez daqui a uns anos consiga.

– Como te percebo. E o Antunes?

– O Tone Antunes, como lhe chama o Luís?! Gostei dos primeiros. Um ar fresco, um piadão. Porreiras metáforas surrealistas ou assentes na forma gramatical da determinação. Depois, cansei-me.

Demasiado comediante. Um fiteiro. Mas parece que continua com boas metáforas.

– Apoucou como poucos a nossa tropa.

– Na Kulturhaus de Bona, ouvi-o a dizer mentiras colossais. Falou de trincheiras, bombas, foguetes todas as noites no pacato Leste. Praticamente um Jünger na I Guerra Mundial. Como médico militar, o tipo nem sequer era, tecnicamente, um combatente, mas apenas um auxiliar de combate. Nem sequer um soldado, quanto mais um guerreiro.

– Imagino a ideia com que ficam da nossa guerra os estrangeiros que o lêem. O tipo a denegrir e os especialistas militares, incluindo estrangeiros, a provarem o contrário.

– Aquilo já não é ficção literária mas mentira literária. Facto é que conseguiu ser folhetinado no *FAZ*, que só faz, fazia, isso com grandes autores já mortos. Mas também não admira, se atendermos às raízes dele e à *Vergangenheitsbewältigung* dos alemães.

*

Para compensar o fastio que lhe causava a vil pequenez de boa parte do pequeno mundo literário, tão mais infinitamente pequeno que o mundo da Literatura, Paulo tinha os almoços de antigos combatentes nos quais predominava *a masculina música das palavras sem vileza*. Começou por aceitar todos os convites para os almoços. Todos queriam conhecer o avis rara, o «bruto» alferes dos comandos e professor universitário de «cursos de meninas». Depois de uma primeira série de repastos, foi reduzindo a aceitação dos convites. Começava a não suportar mais febras e mau vinho em restaurantes tipo armazém e, embora fossem a melhor parte dos portugueses, facto é que muitos repetiam conversas e outros tantos ainda não se tinham levantado da *queda na máscara*. Acabou por ficar a almoçar apenas com O Quarteto e com A Comandita, formada pelos camaradas amigos dos comandos.

Também continuou os almoços com Bimbox, herói militar de extrema-esquerda – «um oxímoro», segundo Paulo –, romancista e historiador. «Avis rara, como eu. Ambos edições nem sequer limitadas, mas únicas.» Entendiam-se muito bem, não só na boa inveja – Bimbox invejando os graus académicos a Paulo e este invejando-lhe as cruzes de guerra – como na má inveja dos outros, a inveja que lhes dava cada vez mais prazer.

Entretanto, entre a gente da tropa, e outros, corria a ideia de que Paulo pertencia «às secretas, até a Serviços Estrangeiros». Sabiam alguma coisa da sua biografia e das profundas ligações às Informações dos seus amigos do Quarteto, «um deles elemento do *Deep State*», e tiravam a fantástica conclusão de que Paulo de Trava Lobo era espião. «Não valia a pena eu negar. Um espião. Parágrafo.»

* * * * * * *

A qualidade e o volume do trabalho intelectual de Paulo levavam o reitor a dizer que «o professor Trava Lobo não pertence ao "país quietinho" de que fala Pascoaes». Assim, foi com naturalidade que Paulo recebeu o convite para fazer a considerada «prova para catedrático». Para infelicidade das malmequeres, alimentadas a misandria, inveja e ressentimento, «A Prova», como era designada pelos pós-doutorados, não podia ter corrido melhor. Paulo teve a nota máxima na máxima prova académica. Feliz com a espectacular vitória, teve logo de seguida uma má notícia. A reitoria, após pareceres dos Conselhos Científico e Pedagógico, decidira passar, com urgência, a maior parte das aulas da ULL para ensino a distância. Paulo lembrou-se de imediato de Hélder Travado, no Lubango, e das palavras gozosas que trocaram sobre esse tipo de ensino «a perder de vista». E o seu bojudo computador de oitenta quilos pareceu-lhe, de repente, já não só uma peça ameaçadora, mas inimiga mesmo.